

# PRAZERES PROFISSIONAIS

**HOMENS QUE NÃO TÊM PROBLEMAS PARA CONSEGUIR SEXO ENCONTRAM NOS GAROTOS DE PROGRAMA**  
**NOVAS POSSIBILIDADES DE PRAZER** POR THIAGO MAGALHÃES

**T**em que guardar dinheiro, gato! Senão não sobra para pagar o michê na velhice!” O comentário, que provocou risos entre os amigos reunidos em um bar paulistano, reflete uma crença arraigada no meio gay: pagar por sexo é para quem está no fim da linha, sem autoestima, um recurso desesperado contra a solidão. O estigma em torno da dita “profissão mais antiga do mundo” ainda persiste, mas a realidade está mudando. É cada vez mais comum encontrar homens jovens, bonitos e de bem consigo próprios que não hesitam em explorar as possibilidades oferecidas pelo sexo com garotos de programa. Sem culpa ou dramas de consciência.

**DIRETO AO QUE INTERESSA** Se a oferta de sexo no meio gay é farta e não há dificuldades para consegui-lo de graça, o que leva esses rapazes a optar pelos serviços de um boy (como os garotos de programa preferem ser chamados)? O primeiro motivo a ser destacado é a praticidade. Com um GP, não é preciso gastar tempo com a “dança do acasalamento”, o ritual de sedução que envolve o contato com um novo parceiro. “Tem dias em que não estou a fim de falar de mim, do meu trabalho, me esforçar”, relata César\*, 37 anos, médico em São Paulo. “Quero sexo sem ter que cumprimentar depois na boate, fazer social e ser educado”, diz o gerente de projetos Cadu\*, 33 anos, de Brasília. Para o advogado Marco\*, 30 anos, de Santo André, SP, “chamar um boy é bem mais conveniente do que sair de casa, paquerar, puxar papo

e, na hora H, os dois não serem compatíveis e a coisa nem rolar do jeito que você quer”.

Além disso, frequentar o meio não é viável para quem não saiu do armário e leva uma vida dupla. O sexo pago proporciona discrição e a falta de vínculos previne aborrecimentos. “Com um desconhecido, por mais que ele também seja enrustido, você corre o risco de o cara ser um maluco, ficar no seu pé, te investigar”, explica o administrador curitibano Felipe\*, 31 anos. “Você paga 70, 100 reais, a grana que gastaria pra entrar e beber numa balada. No fim das contas, quem vai para a noite quer arranjar sexo. Com o GP, você pula a parte operacional e compra o resultado direto, sem a dor de cabeça de ter alguém te ligando no dia seguinte.”

**CERTIFICADO DE GARANTIA** Quem contrata um profissional quer uma transa infalível, um sexo com certificado de garantia, blindado contra decepções. “O cliente nos procura porque nós sabemos fazer”, teoriza o garoto de programa Marcelo, 24 anos, gaúcho. “Sabemos a hora de começar, parar, dosar. Conseguimos conduzir a coisa e temos total controle da nossa ereção porque conhecemos muito bem o nosso corpo. Se o cara é tímido ou inexperiente, nós o ajudamos a se soltar.”

Mas não são apenas os novatos que se beneficiam da experiência dos GPs. “Quem tem dificuldade em ser penetrado pode aprender muito com eles”, acredita o publicitário Pedro\*, 30 anos, que tem uma relação de dois anos e, às vezes, procura GPs. “A maioria dos boys não gosta de fazer passivo, mas acaba cedendo. Eles me mostraram alguns truques para o sexo anal doer menos, e eu os ensinei ao meu namorado, que é ativo como eu.”

**O BOFE IMPOSSÍVEL** Para muitos adeptos, o GP representa a possibilidade de concretizar fantasias com homens que estão fora do cardápio habitual. “Não é o tipo de cara que você levaria ao almoço de domingo na casa dos seus pais. E isso pode ser muito interessante”, diz o contador gaúcho Sérgio\*, 32 anos. O fascínio vai desde raças diferentes até os inevitáveis atores pornô – que usam os filmes como uma vitrine para seus programas. “Eu vejo um filme, resolvo que quero aquele cara, e o que está na tela se torna realidade”, diz Pedro.

Entre os entrevistados, é recorrente o fetiche pela figura do homem heterossexual, normalmente inacessível. “Ele tinha um ar meio rude. Tive aquela sensação de estar transando com um cara hétero, que não sabe muito bem te tocar, mas sabe te dar prazer. Foi muito bom!”, lembra o advogado Paulo\*, 25 anos, de Brasília. Antônio\*, 40 anos, diretor teatral em Salvador, ligou para uma agência e pediu que viesse “o mais viril” entre os boys disponíveis. “Eu abri a porta e quase caí para trás. Ele era muito bonito! Jaqueta de motociclista, capacete na mão, saradão mesmo. Tempos depois, ele passou por mim no shopping de mãos dadas com a namorada.”

O fato de que muitos GPs se dizem héteros e transam com homens apenas pelo dinheiro, longe de atrapalhar, pode ser um estímulo a mais. Ao tê-los ao seu dispor, possui-os e ser servido por eles, o cliente subverte uma relação de poder construída socialmente. “Curto o fato de que eles se acham héteros, machões e estão ali sendo sodomizados”, revela o estudante paulista Pietro\*, 24 anos. Heitor\*, 32 anos, paulista, administrador, completa a ideia. “Normalmente o boy é aquele hétero tipo ‘gostoso da classe’, que te azucrinava na escola. Ontem ele te zoava, hoje é você que está metendo nele. Peguei um que era capitão do time, vivia rodeado de meninas e batia nos mais fracos, e comi com força. Fui à forra!”, diz, divertindo-se.

**TENTAÇÕES PROIBIDAS** O sexo pago encontra na impessoalidade um poderoso facilitador. Identidades, opiniões e valores ficam do lado de fora da cama. “Você não precisa se preocupar com o que o boy pensa. Ele é que entra na sua sintonia. Os boys são muito profissionais nesse ponto. Sabem que o que pensam não importa”, explica o empresário paulista Diego\*, 43 anos.

A consequência disso é que o cliente deixa as inibições de lado. “Fiz coisas pelas quais eu correria o risco de ser julgado se fizesse com um cara que eu quisesse namorar”, revela Sérgio. Pietro faz coro: “Fico muito mais solto com os boys. Primeiro porque eles já viram de tudo. E segundo porque existe uma ética profissional: o que acontece no quarto fica ali”, enumera. “Eu já quis apanhar, ser xingado,

e para um boy você pede isso sem grilos.” Nesse clima permissivo, entram em cena práticas sexuais cercadas de tabus, que o cliente exerce sem recriminações. “Você não vai chegar para uma cara ‘normal’ e dizer: ‘Por favor, enfie sua mão no meu traseiro’”, diz Diego, praticante de fisting (penetração anal com o punho). “Os boys não têm problema com nada. Não sabem quem sou, o que faço ou por que estou pedindo aquilo. Não fazem julgamentos e perguntas. Isso simplesmente não interessa para eles. É libertador”, afirma.

Kleber, moreno de 19 anos que atende em uma conhecida sauna de São Paulo, fala com naturalidade de suas experiências menos convencionais. “Teve um cliente que me comprou um Gatorade, depois outro e em seguida mais um. Quando eu disse que precisava ir ao banheiro, ele me segurou pelo braço e disse: ‘O banheiro sou eu. Pode começar’. Nós somos acostumados a coisas desse tipo”, conta.

**O CLIENTE É O CENTRO** Enquanto numa transa convencional a pessoa também espera se sentir desejada, no sexo pago não se leva em conta o desejo do outro, o GP. “Essa relação funciona por uma lógica de mercado: o cliente está lá para ser satisfeito, ele é o centro, é o prazer dele que importa”, explica o psicólogo Julio Nascimento. “Há uma troca: um ganha o prazer sexual e o outro recebe o dinheiro. Fora disso, o que vier é lucro, mas não uma condição para que a relação se estabeleça.”

Diego reforça o viés comercial. “GP é um serviço, como um personal trainer e um cabeleireiro”, compara. “Eles sabem que têm que fazer o freguês se sentir bem e superar suas expectativas. O cliente analisa, compara, barganha. Ele é exigente, não está desesperado.”

Aos mais entusiasmados, Nascimento propõe uma reflexão. “Quem recorre aos GPs deve indagar por que não escolhe uma relação em que o outro também terá direito a gozar e que, portanto, nos obriga a descobrir como fazê-lo ter prazer na mesma experiência”, sugere o psicólogo. “Eis o efeito colateral do individualismo de hoje: se eu gozo à revelia do outro, posso me tornar incapaz de gozar junto com ele, de ser criativo

## COM O GAROTO DE PROGRAMA, VOCÊ PULA A PARTE OPERACIONAL E COMPRA O RESULTADO DIRETO, SEM TER ALGUÉM TE LIGANDO NO DIA SEGUINTE

FELIPE\*, 31 ANOS, ADMINISTRADOR

o suficiente para seduzir e conquistar aquele que complementa a minha fantasia. É preciso fazer com que o outro deseje me dar o prazer que eu desejo”, sustenta.

**PARA SAIR DESSA INTEIRO** Para não se machucar, é importante saber o que esperar da brincadeira. Mesmo sabendo que não há espaço para envolvimento, as coisas podem fugir do planejado. “Uma frustração clássica é descobrir, no meio do caminho, que inconscientemente esperávamos de um GP uma troca amorosa”, alerta Julio Nascimento. “Algumas pessoas entram nesse tipo de relação sem perceber que, no fundo, buscam uma redenção romântica, no estilo do filme *Uma Linda Mulher*.”

O GP Marcelo confirma esse alerta. “Muitas vezes, o cliente se apaixona mesmo. Ele pode até acreditar que aquilo foi especial, mas, para nós, não deixa de ser mecânico. Fazemos nosso trabalho e gostamos dele, mas não sentimos nada pelo cliente”, esclarece.

Diego explica como tirar o melhor da experiência. “Você precisa estar bem. Se estiver carente, vai acabar colocando expectativas ali, a coisa não será tão prazerosa e depois você ficará pior”, avisa. “Agora, se você estiver numas de sacanagem, será ótimo. Aquilo é sexo: o afeto não entra na equação. Não aconselho ninguém a se envolver com os boys. Se você mistura as estações, acaba complicando as coisas para você e para eles também”, finaliza. ■